



VII ENLIJE

A MAGIA DO GÊNERO DRAMÁTICO NA ESCOLA: LEITURA, ADAPTAÇÃO E ENCENAÇÃO EM *HOJE É DIA DE MARIA*

Elisângela Araújo Silva (Autora); Luiz Antonio Mousinho Magalhães (Orientador)

Universidade Federal da Paraíba – eliaraujo@hotmail.com; luizantoniomousinho@gmail.com

Resumo: O espaço da sala de aula, na contemporaneidade, não comporta mais metodologias voltadas para aulas expositivas ou de práticas de leitura para apreensão de fluência, conforme ocorria no passado. Hoje, a leitura de texto, principalmente, o literário, deve ser voltada para a ressignificação não apenas do texto, mas também do espaço da sala de aula, bem como do próprio leitor. Nesse entendimento, objetivamos destacar: a relevância da abordagem do texto dramático e como um roteiro pode ser abordado em sala de aula, enquanto proposta metodológica, em que a leitura, literatura e o teatro podem convergir e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, de modo que o aluno-leitor passe a vivenciar o texto através da dramatização. Nessa perspectiva, este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa-ação realizada numa escola da Rede Pública de Campina Grande - PB. A metodologia para a abordagem foi uma sequência didática pautada na leitura do roteiro da minissérie *Hoje é dia de Maria*, (2005), um texto dramático de Carlos Alberto Soffredini que foi adaptado para a televisão por Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho. Atentamos para as nuances da adaptação do roteiro exibido na TV e também da própria adaptação realizadas pelos alunos leitores ao encenarem o texto. Ao final, observamos como a dramatização em sala de aula pode ser uma oportunidade para experiências positivas e redescobertas de si, do outro e, essencialmente, que a literatura, ao estabelecer relações com outras mídias e outras artes, proporciona também uma relação de interação entre educador e educando.

PALAVRAS-CHAVE: *Hoje é dia de Maria*, Sala de aula, Leitura; Dramatização.

INTRODUÇÃO

O espaço da sala de aula na contemporaneidade deve ser compreendido como um ambiente dinâmico em que as práticas desenvolvidas sejam oportunidades de experiências positivas que ressignifiquem, que provoquem e promovam não apenas o individual, mas também o coletivo e isso implica em gerar práticas emancipadoras. Evidentemente, este tem sido o desafio para quem está na prática docente.

Sendo assim, trabalhar com leitura e, especificamente, a leitura literária requer uma prática metodológica que coadune com esse universo sobre o qual os alunos, estão inseridos: num mundo dinâmico, de processos comunicativos imediatos, a exemplo da internet, em que texto, som e imagem saltam aos seus olhos e se imbricam, fazendo com que esses indivíduos sejam ainda mais desejosos dessa dinamicidade. Diante dessa realidade, em

(83) 3322-3222
que os alunos
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

fazem outras “leituras” do universo midiático, o presente artigo discute a importância do trabalho com o texto dramático em sala de aula enquanto proposta metodológica para se abordar a leitura literária sob a perspectiva de outros elementos corporais, para além da leitura silenciosa ou em voz alta. Estamos tratando do uso do corpo como um todo, quando o texto sai do suporte “papel” e se apropria do leitor através de sua encenação.

Para tanto, dispomos de uma experiência realizada com uma turma mista de uma escola pública da cidade de Campina Grande, Paraíba, onde foi realizada a experiência de leitura e apresentação do roteiro da obra *Hoje é dia de Maria* (2005) de Luiz Fernando Carvalho e Luís Alberto de Abreu, um texto dramático de Carlos Alberto Soffredini, que foi produzido para o teatro e adaptado para a televisão, quando nesta oportunidade teve seu roteiro impresso publicado e uma versão em DVD lançada quase que simultaneamente.

A experiência demonstrou que o texto dramático oportuniza experiências não apenas de leitura do texto, mas também a encenação em que a “leitura” se efetiva na mistura entre literatura, som, imagem e performance, numa outra perspectiva para o estudo de um texto literário, além do entorno sobre o qual a experiência se fundamentou. Trata-se de uma proposta em que o texto impresso se reverbera na voz e no corpo, no gênero e no leitor, no educador e no educando.

METODOLOGIA

A experiência aqui relatada além do caráter bibliográfico, assim enquadrada por estar pautada em conteúdo teórico já elaborado, também é ordenada, classificada como uma pesquisa de natureza descritivo-explicativa, isso porque os dados são fundamentados a partir de uma intervenção em sala de aula. Tal condição agrega valor à experiência a ser relatada, uma vez que o valor da pesquisa descritiva “(...) baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e descrição;” ao mesmo tempo em que é explicativa porque, conforme os mesmos autores, “(...) tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos [...] explica a razão, o porquê das coisas” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 70). Desse modo, os dados coletados correlacionam teoria e prática, apontando alternativas para o trabalho com o gênero dramático em sala de aula.





VII ENLIJE

A experiência aqui relatada teve como *corpus* a primeira jornada da obra *Hoje é dia Maria*, composta de oito capítulos, que foram lidos em oito encontros. A turma em que a experiência foi realizada era composta por alunos dos 7º, 8º e 9º anos de uma escola da Rede Estadual de Ensino, na Cidade de Campina Grande. Essa turma foi composta, nessa escola, para cumprir um programa de reforço escolar, que ocorria no contra-turno, com aulas sendo ministradas pela manhã.

Na etapa de efetivação da experiência, lemos um capítulo por encontro e essa atividade de leitura foi feita por meio de leitura compartilhada, dentro do conceito de Teresa Colomer (2007, p. 27), quando nos faz concluir que o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura. Tal conceito se reverberou nas discussões efetivadas a partir dos momentos de leitura, quando os alunos leitores discutiram ficção e sociedade.

Assim, ao lermos os capítulos, leitura que inclusive foi realizada em voz alta pelos próprios alunos, parávamos para comentar os episódios e discutirmos a partir das impressões deles. No intervalo de cada encontro de leitura foi exibida a respectiva versão em DVD. Na oportunidade de conclusão da leitura e debate dos capítulos do roteiro de *Hoje é dia de Maria*, discutimos a intertextualidade presente na obra a partir da leitura de alguns intertextos, a exemplo da história de *Cinderela*, de Charles Perrault, para que os alunos pudessem comparar. Também realizamos a leitura de *A menina enterrada viva*, recolhida por Camara Cascudo; *Malasaventuras*, de Pedro Bandeira; além de *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima. Esse momento de leitura dos intertextos foi relevante para que os alunos pudessem entender a essência do roteiro. Após o reconhecimento da obra em sua versão impressa e audiovisual, propusemos que os alunos fizessem uma coletânea dos momentos que mais os havia agradado e montassem o roteiro para apresentação, fato que ocorreria no pátio da escola para toda a comunidade prestigiar.

Destacamos que, para a dramatização, os momentos de exibição do DVD foram importantes para que os alunos se apropriassem também das cenas, uma vez que já haviam adentrado no universo imaginário do roteiro impresso. Eles tiveram liberdade para comporem o que seria apresentado e assim o fizeram: condensaram a história e fizeram um novo roteiro; dividiram as cenas e os personagens; realizaram os ensaios, num total de três, e apresentaram para a comunidade escolar.





RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos desafios de interagir com alunos em sala de aula, o trabalho com o texto dramático se propõe como alternativa não só de apresentar uma metodologia diferenciada, mas, sobretudo, como a oportunidade de abordar o texto literário, enquanto gênero dramático, discussão e performance em que corpo e texto se permeiam e se permitem vivenciar novas etapas de “leitura”, leitura do texto, do corpo e de si próprio. Isso porque, conforme declara Candido (2004, p. 175), a leitura literária nos humaniza e, nessa condição, podemos vivenciar dialeticamente os problemas. Se a leitura literária nos faz mais humanos, a possibilidade de vivermos outros papéis, além do nosso dentro da realidade cotidiana, oportuniza em nós a chance de sermos outro, através de um personagem, e “ressignificarmos” o nosso cotidiano. Zumthor (2007, p. 64) detalha a recepção do texto da seguinte forma:

Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção está lá, não se acrescenta. Ela está. É a partir daí, graças a ela que, esclarecido ou instilado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o, ao meu modo; é a partir dela que, este texto, eu o reconstruo, como o meu lugar de um dia.

Logo, a materialidade do texto quando lido, experimentado numa leitura em voz alta, por exemplo, passa a ser incorporado pelo leitor. Essa ligação dos efeitos semânticos, do mesmo modo que as transformações do leitor em emoção, perpassam uma vibração fisiológica por meio dos vínculos perceptivos, conforme discute Kefalás (2012, p. 03-04) nos explica que

[...] a realização da experiência de leituras permitindo que na interlocução com as palavras o leitor não vise somente, por exemplo, reconhecer características de época, mas permita que aquelas leituras provoquem nele deslocamentos, transformações. O texto, nessa perspectiva, não seria dominado pelo aluno-leitor, nem utilizado como instrumento para adquirir conhecimento: o leitor é quem seria atravessado pela materialidade das palavras, pelo seu jogo de sentidos.





VII ENLIJE

Fato constatado no momento da leitura do roteiro de *Hoje é dia de Maria*, quando os alunos começaram a rir, a fazerem questão de participar da leitura, do mesmo modo quando assistiram as cenas em DVD, os olhares atentos e os comentários fazendo correspondências com o que estava descrito no roteiro, corroborando a ideia da performance que se constitui através de experiências tácteis, acústicas, motoras e visuais. As etapas de ler em voz alta e discutir os momentos da obra os aproximou do texto e a etapa de visualizar, bem como a de ouvir, proporcionaram uma dimensão de materialização do texto, concretizada com a dramatização.

Segundo Nuñez e Pereira (1999, p. 3), o “texto dramático é aquele que se qualifica para a encenação”, apresentando aspectos estéticos que podem ser reconhecidos pela crítica como obra literária de caráter artístico, e assim se deu com *Hoje é dia de Maria*: da leitura em voz alta à apresentação em público, a experiência provou ser possível um trabalho com o texto, com o corpo e com o público. Destacamos ainda que para a elaboração da apresentação, além da montagem do texto e escolha dos personagens, foram os próprios alunos que participaram da produção da dramatização, demonstrando aptidões para funções diversas como montagem de figurinos, cenário, maquiagem, fotografias e filmagem. Desse modo, todos tiveram a oportunidade de participar, respeitando a vontade de cada um. A composição do texto a ser apresentado foi assim construída:

HOJE É DIA DE MARIA

Personagens: *Maria*, Amado, o Pai, a Madrasta, Joanelha, *Asmodeu* Original, *Asmodeu* Bonito, Zé Cangalha, Rosa, *Quirino*, Moças casamenteiras, Figurantes

NARRADORA: Era uma vez, uma menina, que vivia com sua família, mas sua família agora era apenas seu pai e essa menina não era qualquer menina era *Maria*....

Maria (brincando com sua boneca) “Constança meu bem Constança, constante sempre serei.....

Pai: *Maria*, onde tá ôce, menina?

Maria: Nhôr pai tá me chamano!

Pai: *Maria*, diacho de menina pra sumi dos ói da gente!

Maria: O que foi nhôr pai?

Pai: Venha cá, mais óia ôce! (alisando *Maria*) Tá freiosa, menina-muié!, venha cá que tô precisano de ôcê!
(tenta agarrar *Maria*)

Maria: Mai num faz anssim não pai, não! (grita e corre)

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Narradora: Nesse momento a Madrasta, uma viúva que vivia no entorno do sítio vê tudo e se aproxima da menina....

Madrasta: Mai que judiera uma menina tão bunita chorano amssim! Chora não menina chora não! Ói seu pai é omi novo, forte ainda, precisa de uma muié vigorosa pra cuidá dele, de ócê e de tudo isso aqui, um sitiozão desse, toma esse mer, comi e adespois Ócê fala pra ele,,,,,

Maria: (que antes chorava se cala e come o mel.)

Narradora: E assim *Maria* na sua inocência vai falar com o pai sobre a madrasta.....

Pai: Huumm que catanga de chêro bão! Ôh fia bote um cadim desse café pra eu. Mai modi o que ocê tá oiano amssim pra eu?

Maria: Pai o siôr já viu aquela viúva dali do estradão? Por que o siôr num justa casamento com ela? Ela é boazinha até me deu mer

Pai: Ei fia ela agora ti dá mera despois vai ti da fel.

Narradora: E assim a Madrasta conseguiu se casar com o Pai de *Maria* que não sabia que sua vida ia mudar.....

Pai: Muié vou viajar pra fazê um empréstimo pra melhorá nosso sítio.

Madrasta: ôce vai que eu fico aqui cuidano de tudo.....

Narradora: O que *Maria* e seu pai não sabiam é que suas vidas iam mudar e muito

Maria: brinca com a boneca.

Madrasta: *Maria*! Sua trast *Maria* cuide em fazê a comida que Joanhina tá com fome, *Maria*! Arrume a casa! *Maria* lave as roupas! *Maria*! Vá cuida da prantação!

Maria: (cai desfalecida)

Madrasta: Mai óia a traste morreu!

Narradora E alí onde *Maria* caiu nasce um capinzal e o corpinho de *Maria* fica ali esquecido.....

Pai: *Maria*!

Madrasta: omi vc já vortô?!

Pai: cadê *Maria* muié

Madrasta: *Maria*.....*Maria*.... fugiu..... saiu por esse mundão afora!

Pai: (sai) *Maria*, *Maria*, *Maria*

Maria: (morta se acorda) Pai..... foi ela

Pai: sua saracutica!

Madrasta: ôce num fala comigo anssim não que tá pra nascê omi que me enfrente!

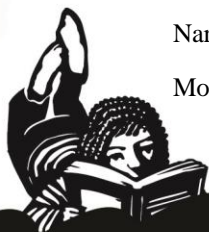
Narradora; *Maria* ao ver que a Madrasta havia dominado a situação foge de casa a procura de sua felicidade que era encontrar as franjas do mar; nessa busca ela vai se encontrar e viver muitos encontros.....

Rosa : Bom dia menina? Meu nome é Rosa e eu tenho uma coisa pra lhe dizê: segue seu caminho que o que há de ser tem muita força!!!!

Zé Cangalha: Olha aê quem vai querer!

Narradora: As moças do lugar começam a se agitar com a chegada de um moço bonito.....

Moças: Mais olha que pedaço de mal caminho! ÔO lá em casa! Uhhhhh!





VII ENLIJE

Asmodeu bonito: (chega e fica sondando Zé e belisca a sombra de Zé)

Zé Cangalha: (pula para trás) Tá quereno comprá? eu tô quereno vendê

Asmodeu: Eu tô querendo a sua sombra!

Zé Cangalha: E paga quanto por ela?

Asmodeu: Eu mato a sua vontade!

Zé Cangalha: Então eu quero uma barra de chocolate ao leite daquelas com pedaços de castanha e uva passa hummmmmmm

Maria: seu zarapelho dos inferno eu tô lhe conheceno vc é o sete peles, o cafute! Zé num aceita isso não Zé ele vai robá sua arma.....

Zé Cangalha: Me dexe *Maria*!

(Eles fazem a troca *Asmodeu* sai satisfeito e *Maria* briga com Zé)

Maria: Zé ôcé é muito burro comeu o chocolate que o Diabo amasso!

Zé Cangalha: Vixi *Maria* já tô me arrependeno!

(Zé deixa o saco cheio)

Maria: Vamo Zé vamo invoca o mardito pra recuperá sua arminha.

Zé : vô nada

Maria : Vamo numa encruzilhada: Senhor dos inferno!

Asmodeu: Quem me chamô? Ah! Foi você menina enxerida

Maria: Devolva a sombra de Zé!

Asmodeu: (dá uma gargalhada) Devolver, eu quero é a sua!

Maria: Então eu faço um desafio e quem perder entrega a sombra.

Desafio:

(*Maria* e Zé comemoram)

Zé: *Maria* ôcê vai comigo né!

Maria: Não zé! Vou seguir meu caminho a nossa amizade é pedra q não se gasta, vou mas levo vc no meu coração, Adeus Zé!

Zé: adeus minha *Maria* bonita!

Asmodeu: agora é comigo sua menina atrevida! Vc venceu mas vou me vingar!

Narradora: *Maria* está cercada por *Asmodeu* que pretende se vingar mas nesse momento surge o Pássaro que sempre a protege.....

Asmodeu: De vc menina já roubei o seu amado que transformei num pássaro e vou roubar denovo vou roubar a sua infância!

Narradora: Nesse momento o demônio *Asmodeu* transforma *Maria* numa moça e atinge o pássaro que é o amor de *Maria*, ela sem entender a transformação reconhece o seu amado que está ferido ao chão.....

Maria: (corre em direção ao pássaro) é você amado?

Passaro: *Maria* é vc?

Maria: Amado! Vc é o meu amor de todas as horas!





VII ENLIJE

Asmodeu: (furioso) Mas eu num vou dexá! Eu vim pra destruí e se o feitiço foi pouco eu vou piorá!

Narradora: Nesse momento a cigana reaparece para ajudar *Maria* lhe dando um espelho que destrói *Asmodeu* e assim o feitiço é quebrado e *Maria* Amado se reencontram livres das pragas de *Asmodeu*.

Observamos então que os alunos seguiram o início do roteiro e que adaptaram o texto para uma versão inédita de modo que, mesmo sem terem a plena consciência das teorias da adaptação e da intertextualidade, construíram uma nova história a partir da retomada do texto lido por eles, mas que concretiza as palavras de Stam (2006, p.48), quando diz que a adaptação é: “um trabalho de reacentuação, pelo qual uma obra que serve como fonte é reinterpretada através de novas lentes e discursos”. Os acréscimos feitos pelos alunos ao montarem os diálogos e rubricas, apresentando ao público em forma de dramatização, fortalece e comprova que o fenômeno da adaptação, assim como discute Hutcheon, perpassa pelo o da recepção, uma vez que a adaptação é uma forma de intertextualidade, um palimpsesto por meio da lembrança de outras obras que ressoam (HUTCHEON, 2013, p. 29-30).

Passados seis meses da realização da experiência, voltamos à turma para aplicar a avaliação da proposta, e mesmo na ciência de que tal tempo poderia comprometer a aplicação da avaliação, estávamos seguros em relação à importância da metodologia, e do que havia sido vivenciado por todas e todos, educadora e educandos. Conforme o esperado, a avaliação foi positiva e sinalizadora de que a leitura do texto dramático pode e deve ser utilizada não apenas enquanto leitura, mas também como efetiva intersecção entre literatura, leitura e dramaturgia, quando o texto passa do papel para a vida do leitor, assim como corroboram os depoimentos dos alunos participantes da experiência:

M D - Gostei muito, foi uma experiência muito interessante, e foi linda a apresentação em todos os aspectos.

C F - Foi tudo ótimo. Ficou muito melhor que eu imaginava, quando entrei falando, foi tipo uma emoção que só quem atua sente

T A - Perfeito, maravilhoso, foi uma das apresentações mais marcantes que participei, e que será sempre lembrada, essa dramatização me fez perceber que tudo é possível.

G - Achei maravilhoso, porque foi como estar praticamente vivenciando como foi a verdadeira obra.

T C - Foi demais! Estar ali vivenciando uma personagem tão bela, tão sonhadora foi o melhor.

ELK - Achei que foi um estudo muito bom para nós trabalharmos em equipe.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

B R - Foi muito bom. Apesar de ter sido minha primeira dramatização na escola, foi uma experiência ótima.

E - Amei, me senti uma verdadeira Joanhina.

CONCLUSÕES

Com a presente pesquisa, foi possível observar como o texto literário continua a despertar a atenção entre os jovens leitores. O mesmo destaque podemos dar ao texto dramático, conforme descrevemos no presente trabalho, constituindo-se, portanto, como uma alternativa sugestiva para abordagem da literatura em sala de aula, pois seus enredos continuam a tratar de sonhos, de imaginação, de invenção, do possível através do impossível.

Discutimos, então, como o texto dramático pode ser lido, discutido e vivenciado na escola. Entendemos que a leitura do texto dramático pode ser realizada em sala de aula e que essa leitura pode ser mediada por discussões que aproximem os leitores do universo apresentado no texto não pelo o que está sendo retratado, mas pela capacidade de discutir o ficcional enquanto processo de significação do real, o que implica dizer que mesmo que o texto dramático apresente uma trama totalmente distinta da realidade cotidiana, a discussão sobre os sentimentos presentes façam esse leitor repensar seus conceitos, valores ou reafirmar outros. E até mesmo entender que o ficcional, mesmo distante de tudo que diga respeito à sua realidade, vale a pena apenas pela experiência.

Portanto, a leitura do texto dramático em sala de aula oportuniza não apenas o trabalho com as características do gênero ou com as narrativas apresentadas, mas, fundamentalmente, como uma possibilidade de apropriação do texto, da história e dos personagens, tudo imbricado com o corpo e a performance que esse corpo executa enquanto a ficção faz uso do texto para sensibilizar quem o interpreta.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Alberto de. CARVALHO, Luiz Fernando; [baseado na obra de SOFFREDINI, Carlos Alberto]. **Hoje é dia de Maria**. São Paulo: Globo, 2005.

MOREIRA, H. CALLEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

KEFALÁS, Eliana. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas – SP: Autores Associados, 2012.

NUÑEZ, Carlinda Fregale Pate; PEREIRA, Victor Hugo Adler. O teatro e o gênero dramático. In: JOBIM, José Luís. **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.69-133.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: CORSUIL, A. R. (ed). **Ilha do desterro: Film Beyond Boundaries**. Florianópolis, UFSC, nº 51, jul/dez, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: EDUC, 2007.

